ISBN 978-85-8394-069-2

CLARICE
EM TECNICOLOR

CLARICE EM TECNICOLOR

Babecco editora

L771 Clarice em tecnicolor [recurso eletrônico] / organização: Anderson Gomes Paes Barreto, Taciana Maria de Fátima Oliveira ; apresentação Anderson Paes Barreto ; ilustrações Clenio Oliveira. – Olinda, PE : Babecco, 2017.
56p. : il.

Inclui referências.
Texto em português e espanhol.
www.babecco.com.br

1. LISPECTOR, CLARICE, 1925-1977 – BIOGRAGIA. 2. LISPECTOR, CLARICE, 1925-1977 – CRÍTICA E INTERPRETAÇÃO. 3. LISPECTOR, CLARICE, 1925-1977 – A HORA DA ESTRELA – COMEMORAÇÕES. 4. LISPECTOR, CLARICE, 1925-1977 – COMEMORAÇÕES. Barreto, Anderson Gomes Paes. II. Oliveira, Taciana Maria de Fátima. III. Oliveira, Clenio.

CDU 92LISPECTOR, C.
CDD 920

PeR – BPE 17-650

Ficha Técnica

Organização

Anderson Gomes Paes Barretto

andersonpbarretto@gmail.com
@andersonpbarretto

Taciana Maria de Fátima Oliveira

taciana.oliveira@zestartesecomunicacao.com
@tacioliveira28

Arte Final e Diagramação

Antonio Valença | @antoniovisualjob

Ilustrações

Antonio Valença (capa)
Clenio Oliveira | @cleniocobain

Fotografias

Acervo Instituto Moreira Salles – RJ

SUMÁRIO

Apresentação 7
Clarice 10
O Instante de Clarice 15
Macabéas 19
Elegíaca 22
Um Guia Prático Para Quem
Deseja Escrever 25
Casi Um Rito 31
O Livro dos Prazeres 35
A Paixão Segundo G.H. – De Clarice
Lispector 40
Saída Discreta Pela Porta
dos Fundos 43
Os Autores 48

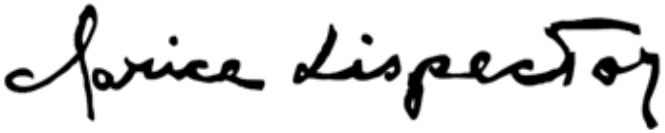
APRESENTAÇÃO

ANDERSON PAES BARRETTO

Este livro surge para comemorar os 40 anos do lançamento da novela “A Hora da Estrela” (1977), obra fundamental e grandiosa de Clarice Lispector. Somado a isso, está também o desejo de lembrar os 40 anos da morte da escritora, inegavelmente, um dos maiores nomes da Literatura Brasileira, de todos os tempos. Diante de sua legião de súditos apaixonados, alguns foram aqui reunidos para uma verdadeira homenagem à autora, sua obra e legado. E isso se dá em um momento em que o volume de leitura cresce no mundo, diante de tantas novas plataformas de comunicação, ao mesmo tempo em que o índice de leitura formativa, sobretudo dos jovens brasileiros, está bastante aquém do que se espera de um país que revelou inúmeros ícones da literatura mundial. Ou seja, este livro surge “em estado de emergência e de calamidade pública”, como diria Lispector, sensível defensora dos direitos e dos desejos do ser. Este livro surge ainda como parte do movimento A Hora de Clarice, que há anos mobiliza a internet para comemorar a data de nascimento da autora – 10 de Dezembro – em diversas cidades do Brasil, e fora dele, como aqui também comprovamos. A ideia do e-book veio satisfazer um desejo de divulgação e compartilhamento mais dinâmico da obra da escritora, como também vem dar um descanso na saudade dessa mulher que há quatro décadas virou Estrela e que, até hoje, nunca se fez ausente. O livro se chama CLARICE EM TECNICOLOR, para se ter um incontestável luxo, por Deus, que também precisamos. Salve Clarice e Amém para todos nós! Boa leitura!

CLARICE EM TECNICOLOR

A CULPA É DELA
OU
A HORA DE CLARICE
OU
DEDICATÓRIA À AUTORA
OU
CLARICE EM TECNICOLOR



QUANTO AO INSTANTE
OU
UM SOPRO DE CLARICE
OU
ELA SÓ SABE CHOVER
OU
O EU INTRANSPONÍVEL
OU
UMA BARATA SUCULENTA
OU
O MAL ESTAR DE UM ANJO
OU
UMA PERGUNTA SEM RESPOSTA
OU
CLARICE – O ASSOVIO NO VENTO ESCURO
OU
SÚBITO GRITO ESTERTORADO DE UMA GAIVOTA

CLARICE

TACIANA OLIVEIRA

Com a licença poética que me cabe para este texto afirmo que - após anos de pesquisa para a produção de um documentário - concluí que Clarice Lispector nasceu no Brasil. “Essa história de nascer em uma aldeia na Ucrânia é puro charme”. Ouvi essa afirmação, em tom de brincadeira, de um de seus amigos jornalistas que trabalhou com ela no Jornal do Brasil. Mas não me condenem por não respeitar a exatidão geográfica e os registros biográficos: a nossa mais popular escritora, apesar da sua origem russa, era tão brasileira quanto qualquer um de nós!

“O Recife continua existindo em Clarice Lispector?
- Está todo em mim”
Clarice Lispector em entrevista ao Jornal do Commercio, 1976.

Fugindo da perseguição aos judeus na Guerra Civil Russa, sua família fez da cidade de Maceió, em Alagoas, o primeiro pouso em terras brasileiras, mas logo se mudaram para Pernambuco. Filha de Pinkas e Mania, irmã de Tania e Leia, seu nome de batismo era Haia. Foi no Brasil que Clarice nasceu Lispector. A menina pobre que brincava e fazia piruetas para alegrar a mãe doente, traduziu no conto “Felicidade Clandestina” o seu amor pela literatura.

Clarice nasceu no Bairro da Boa Vista, ali, na Rua da Imperatriz, bem pertinho de uma livraria. Suas histórias estão gravadas na memória dessa cidade, naquele velho casarão em frente à Praça Maciel Pinheiro. É nesse universo que foi construída sua identidade. Sim, caros leitores! Não se enganem! Os banhos de mar em Olinda, os passeios às margens do Capibaribe, o primeiro beijo em pleno carnaval de rua do Recife… Não tenho dúvidas que na Travessa dos Veras brotaram os passos iniciais da escritora: Clarice escreveu uma peça em

três atos de uma história que nunca terá fim. Mas se Clarice nasceu no Recife, o Rio é de Clarice! A cidade que também a tomou para si, é palco do florescimento de sua maturidade profissional e emocional. O bairro da Tijuca, do Catete, o amor incondicional das irmãs, as transformações de uma vida que começava ali a inspirar paixões…

"Agora eu sou do Leme" - Clarice responde a Marina Colasanti, João Salgueiro e Affonso Romano de Sant'Anna em entrevista ao MIS- RJ, 1976

Estudante de Direito, virou jornalista e, atendendo a sugestão do amigo e escritor Lúcio Cardoso, "juntou" alguns dos seus escritos para conceber seu primeiro livro: Perto do Coração Selvagem, uma obra de estilo único que surpreenderia a crítica especializada. Clarice seria "forte e bela como um cavalo novo". Casa-se com o diplomata Maury Gurgel Valente e nos anos vindouros teria como lar a Suíça, a Itália a Inglaterra e os Estados Unidos. Morria de saudades do Brasil. Ela era muito solar e não se acostumava com o frio. Sua salvação era escrever e cuidar dos filhos. Após o fim do casamento retorna ao Rio. O bairro do Leme entra na sua geografia afetiva para não mais sair.

Hermética? Experimental? Bruxa? Clarice era a mãe amorosa de Pedro e de Paulo, amiga do casal Marina e Affonso, reverenciada por Olga Borelli e Gilda Murray, colega de trabalho de Alberto Dines, comadre de Maria Bonomi. Cronista do Jornal do Brasil, musa, esfinge, apaixonada e uma eterna defensora dos direitos humanos. Clarice era do Jardim Botânico e, como na epifania de sua personagem Ana, do conto "Amor", se questionou sempre, nunca aceitando a lógica impiedosa de uma vida sem defeitos. Criou uma infinidade de contos

ambientados nos bairros cariocas. Universal, enigmática e simples, tão simples que adorava

escrever sobre o cotidiano das empregadas domésticas e frequentava a Feira de São Cristovão para matar a saudade do Nordeste. A Paixão Segundo G.H, a barata, o conto o Ovo, o cão Ulisses, Macabéa... Ela achava que não era uma escritora profissional, pois só escrevia quando queria.

"Fiz da língua portuguesa a minha vida interior, o meu pensamento mais íntimo, usei-a para palavras de amor" - "Esclarecimentos – explicação de uma vez por todas", crônica do livro "A Descoberta do Mundo"

Despertou paixões e foi amada. Recebia seus leitores em casa com bolo, café, refrigerante e uma boa conversa. Foi assim com o amigo pernambucano Augusto Ferraz, em seu primeiro encontro no apartamento localizado na Rua Gustavo Sampaio, no Leme. Em vida lutou para receber seus direitos autorais e só depois de alguns anos ganhou o reconhecimento mais do que merecido. Sim, eu sei, hoje Clarice é do mundo! Traduzida em vários idiomas, Clarice é pop. Na Grécia seu romance A Hora da Estrela é celebrado. Nos Estados Unidos, em 2016, sua coletânea de contos *The Complete Stories*, ganhou o *Pen Translation Prize,* prêmio de melhor tradução conferido pela Instituição Pen America. Uma legião de fãs compartilha citações de suas obras em redes sociais. É admirada e seu rosto estampa camisetas e grafites nos muros da cidade de São Paulo. Seus textos estão no cinema, teatro e em performances artísticas. Suas obras são estudadas, dissecadas nos meios acadêmicos. Elas exercem um

fascínio sem igual no público jovem. Em Portugal universitários criaram o Projecto Clarice. Atualmente é um dos maiores nomes da literatura brasileira em evidência no exterior. O seu amor pela língua portuguesa derrubou fronteiras e alcançou uma geração de fãs devotados.

Eu poderia escrever laudas e laudas sobre o valor de cada livro seu publicado, do tanto de coisas que aprendi mergulhando na vida e obra dessa mulher, no entanto vou sempre reverenciar o que acredito que seja o seu mais precioso legado: a coragem de ser!

"Provação. Agora entendo o que é provação. Provação: significa que a vida está me provando. Mas provação: significa que eu também estou provando. E provar pode se transformar numa sede cada vez mais insaciável". A Paixão Segundo G.H.

Na Praça Maciel Pinheiro, em Recife e no Leme, no Rio de Janeiro, estátuas simbolizam e homenageiam sua cartografia afetiva. São quarenta anos de sua morte e, de novo faço uso da licença poética, e afirmo sem medo algum: Clarice está mais viva do que nunca, e nada se compara à força de sua palavra em nós!

O INSTANTE DE CLARICE

ANDERSON PAES BARRETTO

, por isso adicionei Clarice Lispector numa rede social da internet. Ela já faz parte da minha rede social do mundo desconectado em Recife, mas eu a quis, quero, como amiga. Clarice é mais do que uma escritora, mesmo estando morta há quarenta anos, ela ainda é. O que? Ela é. Não era, nem foi. É. E por isso eu a quero. Como amiga, diva, guru, mentora espiritual, bruxa.... Ela está aqui no meu smartphone, esbravejando frases de autoajuda, que ela nunca escreveu. Eu a sigo. Não como um servo segue ao seu senhor, senhora. Quase. Porém, como alguém que voluntariamente aceita receber as suas palavras. Eu recebo o seu instante mais instantâneo. Aquele que agora é. Assim como ela também nunca deixou de ser. Eu posso seguir Jesus, num sentido de alma, humildade e subserviência. Mas, para isso eu não preciso recorrer a dispositivos nem programas de computador. Clarice é menos. Não ressuscitou. Mas, após tanto tempo, continuamos a falar dela, ainda dependemos da sua escrita. Então, eu a sigo, com reverência, gravidade e fascinação. Eu sigo Clarice, da palavra lida para a imaginação, da palavra dita para os ouvidos, da palavra sentida para os pelos da pele que se arrepiam, da palavra sentida às lágrimas que caem quando aprendo a perdoar Deus.

Eu perdoo Clarice. Mais. Eu aprendo Clarice, tento decifrar a esfinge, ou simplesmente a sua foto de perfil. Ela tem muitos seguidores, não sou especial por segui-la, não sou especial por nada! Quando eu morrer ninguém me seguirá, a não ser aqueles a quem devo, que em vão me procurarão. Ela se foi e eu nem era nascido. Anos depois cheguei à Terra e ela já não existia. Nos desencontramos. Estrangeiros um do outro, por uma questão de anos, não a conheci pessoalmente. Então quero sim, hoje, a sua amizade, a sua riqueza de alma e o seu mistério. Não é difícil se tornar amigo nesse mundo descartável e superficial, características que são impossíveis de serem relacionadas a

ela. Nesse mundo, faço e desfaço amizades com um único clique. Num estalar de dedos e mais rápido que o momento em que a roda do carro toca o chão. No entanto, a minha amizade com Clarice vai além, vem de fluxo para fluxo. Eu curto e compartilho os seus aforismos, os seus trechos de textos recortados sem contexto nem orientação.

Clarice tem fãs, eu sou o número um. Conheço vários que também são números um. Cada um, uns. Para cada um, Ela. Louvamos a sua profundidade, ela, que nunca foi rasa. Agradecemos a sua cara cansada da última entrevista, rimos do seu humor de imitação remixado, curtimos, comentamos e compartilhamos a sua diária atualização. Compramos os seus livros a cada (re)lançamento, ela, que nos deu sua obra síntese e derradeira no ano em que virou estrela.... Explosão! Caiu a conexão.

Preciso me reconectar. Não à rede. À diva, plena. Pego um dos seus, meus, livros. Leio algumas frases maravilhosas, que facilmente caberiam na minha descrição de perfil na internet. Fecho o livro, adiando aquela sensação clandestina que é a felicidade de receber as suas palavras, que tanto me comovem quanto assustam e emudecem. Clarice é rápida, fatal, como toda arma bélica. Estou morto. Mas, ela vive! Voltou a conexão.

Clarice me segue de volta em outra rede social, ela posta fotos posando de divindade, ela, que poderia ser deusa, santa, demônia com quem faço um pacto. Não só de leitura. De cumplicidade. Clarice é pop, é tech, é pós-histórica. Clarice, minha A-MI-GA. Ostento a nossa relação, visto camisas com a sua imagem, cito seus textos sempre que posso. E normalmente coloco suas devidas aspas. Ela, que não precisa nem de pontuação para dizer o indizível.

Clarice fechou a sua conta na rede social, me abandonou, me deixou órfão, alheio, medíocre, macabeu. Morreu? Não. Abriu outra página, com uma foto diferente, em preto e branco e de óculos escuros. Cansou dos antigos amigos que falavam com ela pelo bate-papo, pedindo conselhos amorosos. Adicionei-a novamente, ela, que é minha best friend. Jamais me descartaria, pois eu sei respeitar o seu silêncio. E não só o aceito, como o quero. Não nego, preciso do silêncio para entende-la. Mas a cidade faz barulho, as luzes são fortes demais, as pessoas são brutas e não mais encabulam com a delicadeza de uma esperança que, sem avisar, pousa em nós. Matamos a esperança e pronto.

Eu espero Clarice, somos almas gêmeas. Se acredito em reencarnação? Sim, na outra vida eu fui Clarice. Daria tempo...

MACABÉAS

ISABEL COSTA

Conheci Macabéa em 2004. Passeava na precária biblioteca da escola e encontrei um exemplar surrado, com as bordas falsamente consertadas por durex e muitas páginas amareladas. Foi o primeiro contato com a mulher que me acompanharia por muitos e muitos anos. Macabéa se tornaria minha amiga, minha colega de quarto no Rio de Janeiro, minha confidente de horas difíceis, meu abrigo contra os machismos cotidianos.

São muitas as significâncias da personagem de Clarice Lispector: mulher, nordestina, desamparada, trabalhadora. Macabéa representa um universo inconstante no qual todas nós temos lugar. Foi a garota ingênua que acreditou em muitas narrativas fraudulentas que lhe contaram apenas por maldade. Foi a pessoa que viaja, rompendo barreiras de espaço e vivendo uma eterna diáspora. Foi aquela que não teve auxílio. E qual de nós, mulheres, têm auxílio nesse mundo? Macabéa foi também trabalhadora de 8h às 18h. Bebendo da suposta compaixão do chefe que, alegando mau serviço executado, dizia não lhe demitia por pura pena. Nossos serviços, nossos projetos e nossos estudos continuam passando pelos mesmos julgamentos. Às vezes verdadeiros, outras nem tanto. Submetidas ao crivo alheio, esquecemos das nossas potências.

Clarice tem uma escrita cotidiana, versátil e instigadora. É fato que a acusaram - muitas e muitas vezes - de ser uma autora hermética. E ainda vão acusar outras tantas vezes. Que importância há? Macabéa é um espelho das presenças que todas nós sentimos - como mulheres, minorias, trabalhadoras, massa explorada de um mundo adverso e inóspito... A personagem chegou às prateleiras em 1977, no livro A Hora da Estrela, última publicação de Clarice em vida. Mas, passados quarenta anos da primeira edição, a menina nordestina que atinge o ápice na hora da morte tem seu momento mais atual. Macabéa permanece. Macabéa existe.

A escritora passou a infância em cidades nordestinas e, mais tarde, foi para o Rio de Janeiro. É a mesma trajetória feita pela personagem Macabéa. Clarice casou-se com um diplomata, morou em vários países e teve filhos. Nunca abandonou a produção escrita e, em certa altura da vida, optou pelo divórcio e pelo retorno ao Brasil. Macabéa tem um destino que nos comove. Não há alegria, não há prazer. A suposta inércia afetiva da personagem incomoda e faz sangrar. Mas não somos como a menina nordestina em muitos aspectos?

Clarice e sua Macabéa permanecem enigmáticas - apesar das centenas de trabalhos acadêmicos e do público leitor cada vez mais entusiasmado. Na internet, a autora é citada, replicada, confundida e presença constante em páginas das redes sociais. Autora de dezenas de livros aclamados - como Laços de Família e Água Viva - Clarice nos ensina, há quarenta anos, que ser mulher é difícil, que viver é difícil. Mas, sigamos. Vamos juntas.

ELEGÍACA

RAIMUNDO DE MORAES

A palavra é a minha quarta dimensão.
Clarice Lispector

Segui os passos
da menina de Tchetchelnik
Dez luas passaram flechadas por Sagitário
Maçãs no claro ofertam-se de tanta maturação:
ensanguentadas, reluzem. Balançam lustres
em din-dlens de poeira suja
Aqui
a Praça Maciel Pinheiro
circunda o Tempo
O casarão 387
é agora insípido e laranja
(mas vi entre uma e outra janela
a menina sorrir para mundos distantes)
Longe
as esquinas de Nápoles Berna Torquay Washington
(As esquinas do mundo são iguais
quando punge à solidão
a lembrança de tudo que fomos)
Corro pelos caminhos de mais um solstício
a cidade ergue-se em dóricas faiscantes
escaravelhos brotam da terra
e no rosto eslavo
pupilas pulsam quasars
É por ti:
elevo-me à tua memória
Candelabros iluminando a noite
o Kaddish arrebanhando os perdidos como nós

– percorro os caminhos da mulher de Tchetchelnik
O olhar oblíquo
A boca rubra
A safira no dedo
A Estrela de Mil Pontas
rompendo gargantas. É Palavra
Aponta Sagitário mais uma seta em riste
Agora, sabeis: no coração selvagemente livre

Salve 9 de Dezembro!

UM GUIA PRÁTICO PARA QUEM DESEJA ESCREVER

ADRIANO PORTELA

Tudo no mundo começou com um sim.
Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida.
Mas antes da pré-história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim.

Clarice Lispector

O “sim” foi a resposta que dei ao convite para escrever para este e-book. Como negar – mesmo em meio à realização de um longa metragem – escrever algo sobre Clarice Lispector e o seu livro A hora da estrela. A obra, na verdade, é uma aula de escrita literária. Com maestria a autora inventa um narrador, o personagem Rodrigo, que nos conta como escreve o livro, trazendo uma das mais marcantes personagens da história da literatura mundial, Macabéa.

Segundo o escritor pernambucano Raimundo Carrero, responsável por diversas oficinas de escrita criativa, explica, no livro A preparação do Escritor (2009) – recomendo muito –, que A hora da estrela é um exercício para quem deseja escrever.

> Para o estudo da duração psicológica do leitor basta observar como o narrador ora torna lenta a narrativa construindo Macabéa e suas ações [...] Escrito sob o ponto de vista do narrador, apresenta dois focos narrativos: primeira pessoa do singular (eu), e segunda pessoa do plural (vós), quando dialoga com o leitor. (“Cada coisa é uma palavra. E quando não se a tem, inventa-se. Esse vosso Deus nos mandou inventar”). Simples, simples na leitura, e complexo, muito complexo na montagem (CARRERO, 2009, p. 199 e 200).

Carrero sai analisando e costurando a escrita de Clarice, entra no uso dos pronomes, foco narrativo, distanciamento, cumplicidade e vai deixando quem ainda não leu, com vontade de devorar A hora da estrela. Confesso que foi a apresentação deste escritor de Salgueiro-PE, que me deixou curioso pela obra de Lispector. Eu li a história de Macabéa em apenas uma "deitada na rede". Foi a vez que me levantei daquele meu espaço de lazer com outra mentalidade e com vontade de escrever, e o melhor é que eu escrevi de fato.

Bom ou ruim ficou o exercício literário, a vontade de mudar e aprimorar a escrita.

O jornalista, escritor e mestre em comunicação pela UFRJ, José Castello, na orelha de A hora da estrela (2008), edição da Rocco, diz que pouco antes de morrer (1977), a autora "decide se afastar da inflexão intimista que caracterizava sua escrita para realidade" e que o resultado dessa mudança foi a produção do romance em voga, que para Castello é o livro mais surpreendente de Clarice.

Para quem ainda não leu, A hora da estrela conta a história da nordestina Macabéa.

> Depois de perder seu único elo com o mundo, uma velha tia, ela viaja para o Rio, onde aluga um quarto, se emprega como datilógrafa e gasta suas horas ouvindo a Rádio Relógio. Apaixona-se, então, por Olímpico de Jesus, um metalúrgico nordestino, que logo a trai com uma colega de trabalho. Desesperada, Macabéa consulta uma cartomante, que lhe prevê um futuro luminoso, bem diferente do que a espera (CASTELLO, 2008).

A hora da estrela é uma obra que eu posso dizer que mudou a minha concepção sobre a literatura em geral, sobre o modo da construção do romance, a movimentação das personagens, a fluidez da narrativa. É o estudo do romance moderno em questão, que Clarice bem soube utilizar.

No romance moderno encontramos duas ferramentas congruentes que começaram a ser usadas com frequência: o fluxo de consciência e o monólogo interior. O escritor irlandês James Joyce é quem inicia o uso. No fluxo de consciência Joyce deixa a personagem pensando em diversas coisas ao mesmo tempo, as projeções mentais se desenvolvem de modo contínuo, sem necessidade de uma ordem entre elas, e a maneira como isso é criado é justamente com o monólogo interior. Todo fluxo de consciência só acontece a partir do monólogo interior. Em Ulisses o autor suprime a pontuação, dando a ideia de caos ao leitor, o livro também é um marco na literatura moderna quando percebemos que o narrador centraliza a ação do enredo em um único dia, 16 de junho de 1904. A maneira com que Joyce organiza o discurso acaba criando um mundo novo, um mundo destacado da realidade.

No Brasil, é a própria Clarice que utiliza as técnicas de Joyce quando entra no contexto para descrever a mente das personagens. Em A hora da estrela temos duas imagens em paralelo, o narrador que pensa e o narrador que tece um enredo; e duas histórias que também caminham juntas, a de Rodrigo (narrador-personagem) e a de Macabéa. Outra ferramenta do romance moderno e que também se estende até o romance contemporâneo, teorizada aqui por Adorno2 (2003) é a "distância estética''. Antes essa distância era fixa, agora ela tem um movimento parecido com uma câmera de TV ou Cinema, o leitor é

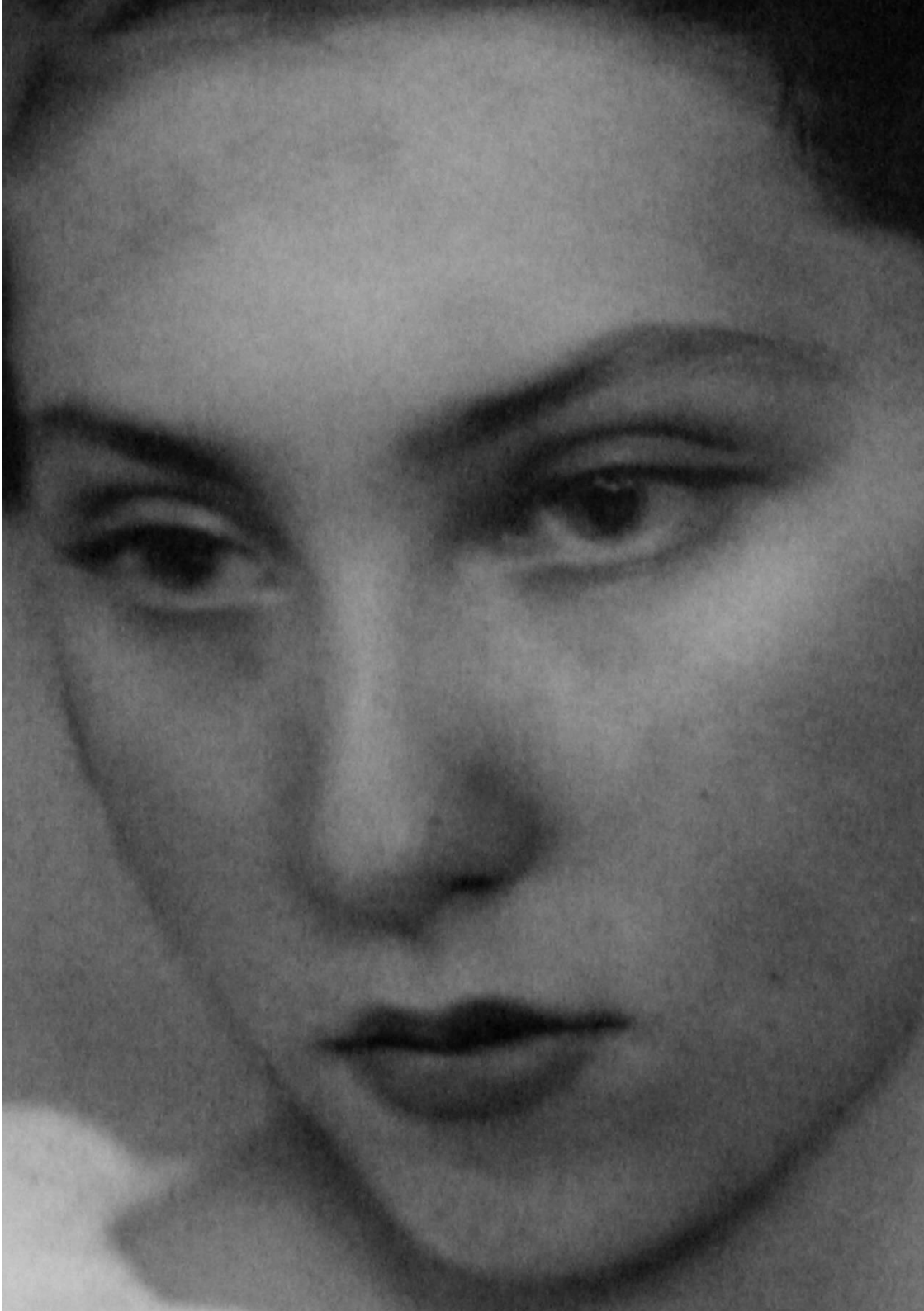
guiado tanto para fora como para dentro da cena, ele é levado pelo narrador. “O encolhimento da distância estética e a consequente capitulação do romance contemporâneo diante de uma realidade demasiado poderosa [...] é uma demanda inerente aos caminhos que a própria forma gostaria de seguir’’ (ADORNO, 2003, p. 61).

Enfim, nos caminhos dos estudos literários está Clarice, está Rodrigo, está Macabéa, está um mundo a ser descoberto a cada leitura. Se você ainda não fez isso, deixe de lado esse ensaio e corra para o livro!

> *Toda forma artística é definida pela dissonância metafísica da vida que ela afirma e configura como fundamento de uma totalidade perfeita em si mesma.*
>
> *George Lukács*

Referências

ADORNO, Theodor W. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: *Notas de literatura I*. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2003.
CARRERO, Raimundo. *A preparação do escritor*. São Paulo: Iluminuras, 2009.
LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2009.



CASI UM RITO

MARIA FERNANDA PAMPÍN

Desde hace algunos años, todos los 10 de diciembre el mundo celebra La hora de Clarice, un día completo dedicado a la escritora brasileña más reconocida y traducida y que ha logrado ganar sin que nadie pueda ya discutirlo, su lugar en la literatura universal. Los lectores argentinos esperan ansiosos ese día para celebrar su vida y su obra con lecturas, fotografías, danza, música, teatro, talleres de artes plásticas, performances, instalaciones, cine, debates. Se corre la voz y en cada oportunidad se acercan más y más seducidos y cautivados por la sensibilidad de su escritura. Es una reunión de lectores, una cofradía afortunadamente cada vez menos secreta. Solemos decir que es un homenaje pero, en verdad, sabemos que es algo más, casi un rito.

Y cuando pienso esto me imagino que a Clarice le gustaría saberse adorada. Clarice se ha transformado en una figura de culto. Posee lectores apasionados en nuestro país, y en este sentido, es, tal vez, una experiencia que los diferencia del resto de América Latina (y me animo a decir, también, de España). Un público que si bien comenzó por ser evidentemente femenino conquistó al lectorado masculino y crece con los más jóvenes, atraídos muchos de ellos por sus cuentos.

No obstante, ya no nos sorprende. Hace tiempo que Clarice ha dejado de ser un misterio. Su historia en nuestro país se inició hace largos años. Visitó la Feria Internacional del Libro de Buenos Aires en abril de 1976, a días de instaurarse la peor dictadura de nuestro país. Los medios parecían encantados con su llegada. En sus diarios escribió entonces que se empezaba a sentir aquí “como una estrella de cine”. Reconocida por no conceder entrevistas a los medios, la revista Crisis publicó en julio de ese mismo año un reportaje que le hiciera Eric Nepomuceno. El año anterior Haydée Jofré Barroso también había entrevistado a Clarice para el diario La Nación, traductora de La araña

(O lustre). Con esa novela, Corregidor publicaba por primera vez en Argentina a Clarice en 1973. En 2001 actualizamos esa traducción y lanzamos, en el marco de la colección Vereda Brasil, única colección fuera de su país dedicada exclusivamente a la literatura brasileña, la subcolección Biblioteca Lispector que lleva hasta el momento ocho títulos publicados y planea ampliarse mucho más).

Este año, a la fiesta clariceana añadimos la conmemoración de los 40 años de la primera publicación de La hora de la estrella, última novela que publicó en vida y que, de algún modo, puede considerarse como una revisión personal y retrospectiva de toda su producción. La hora de la estrella incorpora preocupaciones que, aunque ocupan por primera vez un lugar central, son recogidas de obras anteriores, una cuestión que logrado atraer la atención de los lectores. Allí se evidencian, deliberadamente, tanto preocupaciones filosóficas como aquellas del orden de la representación, responde a preguntas sobre la tradición brasileña y el campo intelectual como revela sus inquietudes en torno a lo social. La novela es un espacio de condensación. Y creo que, aunque su escritura continúa siendo difícil (e inútil) de encasillar, es una novela tan leída porque condensa en ella toda Clarice.

Se trata de una novela de carácter experimental que no se ajusta a la básica trama sentimental que la atraviesa y que se vincula con la literatura de cordel y el folletín melodramático. Es por eso que el sentido metafórico y el alto nivel de abstracción que caracterizaba a su escritura en sus obras precedentes ya no tienen lugar en este momento. Las grandes preguntas se rebajan porque carecen de sentido. Los diálogos pierden profundidad y se acercan al absurdo. Lo verosímil se reemplaza por el artificio puro. Por todo esto, la novela desconcierta al lector de Clarice, lo descoloca.

Y es que, en definitiva, La hora de la estrella es una historia de amor atravesada por la miseria y la (im)piedad. ¿Será por eso que las palabras no le alcanzan ya para hacer un relato grandioso? Los intentos son infructuosos. Clarice cuestiona aquí la existencia de una estética de la pobreza (incluso de lo feo y del mal gusto) y sus modos eventuales de resolución. Para ella, en ciertos momentos, el lenguaje, en verdad, no alcanza, y entonces llega el fracaso. Es la imposibilidad propia de la incomprensión, de la incapacidad. Tal vez por eso escribe La hora de la estrella, para comprobar que las palabras, en algún punto, son inútiles. Quizá porque hay discursos que son indecibles. No porque haya una prohibición sobre ellos sino porque no se pueden escribir. Las palabras se vacían de sentido –y producen desconfianza– porque no pueden nombrar la realidad.

A lo largo de toda su producción, y desde su primera novela, Cerca del corazón salvaje, Clarice estuvo haciéndose la misma pregunta acerca de las posibilidades de representación del lenguaje. Tal vez haya encontrado, al menos para sí misma, un atisbo de respuesta en La hora de la estrella, como una suerte de pesimismo sobre el poder de la literatura que le permitió, al mismo tiempo, continuar escribiendo.

En pocos días más los lectores argentinos de Clarice volverán a reunirse y tendrán un motivo más, siempre un pretexto, para volver a acercarse a la novela más leída en nuestro país. El evento crece cada año bajo la iniciativa de Gonzalo Aguilar (uno de los directores de la colección Vereda Brasil junto a Florencia Garramuño), Constanza Penacini y Carmen Güiraldes que trabajan arduamente, proyectan y aportan, cada vez, ideas renovadas y nuevos artistas. En Buenos Aires cada 10 de diciembre se enciende la hora de la estrella y vuelve a brillar.

O LIVRO DOS PRAZERES

ANNA K LIMA

Porque na minha aprendizagem falta alguém que me diga o óbvio com um ar tão extraordinário.

Clarice Lispector

As possibilidades sempre me fascinaram, mesmo as mais simples. Sobretudo as mais simples! Imagino que o nome composto do romance Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres me despertou muita curiosidade, somos movidos por isso, afinal.

Iniciei a leitura d'Uma Aprendizagem ainda nas aulas da faculdade, tendo como propósito uma análise de sua estrutura teórica literária. Mas o quê?! Me perdi no labirinto do que seria a metalinguagem de um livro: o exemplar que eu tomei de empréstimo para a leitura era repleto de grifos, indicações, recados de amor, proposições de pensamentos. Havia uma história dentro da outra história, ambas no processo de aprendizagem, ambas amplas em prazeres. Saboreei cada frase daquele(s) livro(s) como se eu mesma fosse aquele rei fascinado pelas palavras de Sherazade, sem que eu conseguisse parar de ler, ávida em participar de todos os passos das histórias.

Eu mesma criei meus grifos e uma necessidade enorme de dividir tudo aquilo: Loreley, Lóri, e todas as descobertas acerca dela mesma e do

mundo. Ulisses, o ser amado, sendo apenas um coadjuvante em todo o processo. Clarice Lispector lançou, em 1969, o que veio a ser meu livro

referencial para todas as minhas aprendizagens, me incentivando a sair de minha zona de conforto e procurar as respostas metafísicas e mundanas nos outros.

A partir dos trechos selecionados por mim, inventei o que nomeei de *Mariolas*, em referência ao doce de banana (ou goiaba) embrulhado em papel celofane e enviava um bilhetinho com um dos trechos às pessoas que eu desejava dividir a experiência, em carta, com um bilhetinho passo-a-passo instruindo o procedimento: a orientação era que a pessoa abrisse sua 'mariola' quando ela percebesse que o tal momento havia chegado, e que esse momento deveria ser um momento bom e que houvesse algum dispositivo fotográfico por perto, para que ela pudesse me 'dizer' o que ela via naquele instante. Sem pretensão alguma, a não ser de ser muito curiosa, percebi que eu estava dialogando com ressignificações.

Foram enviadas 100 (cem) cartas para todo o Brasil – e até fora dele -, com o retorno de 73 (setenta e três) imagens e textos sobre o que essas (minhas) pessoas me diziam. Compartilhávamos instantes, diálogos e – de alguma forma – eu realizava o meu desejo de fazer parte dos instantes-já[1] de tanta gente que me construiu e constrói.

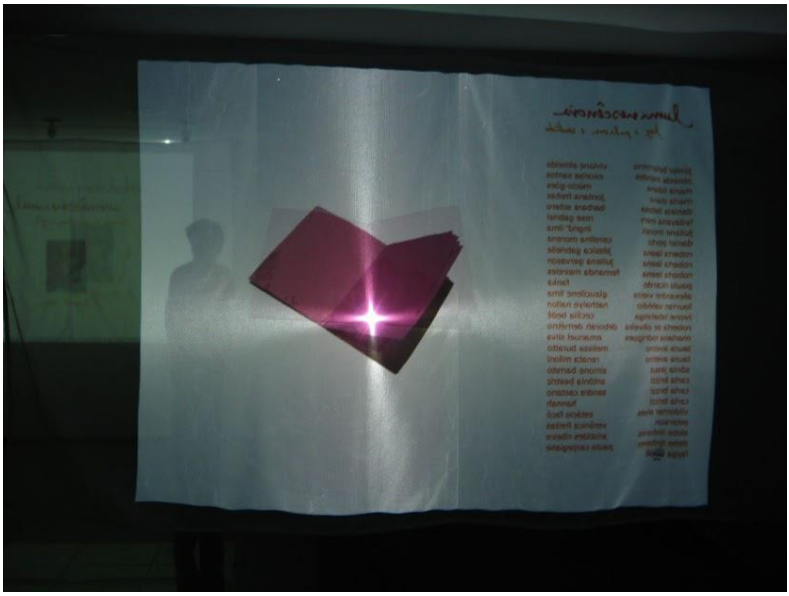
Decidi registrar a experiência em um blog, o https://mariolas.wordpress.com a fim de, num futuro próximo, pensar em algo a reverberar pelo mundo.

> Eu vou tentar captar o instante já, que de tão fugitivo não é mais, porque já tornou-se um novo instante. Cada coisa tem um instante em que ela é. Eu quero apossar-me do é da coisa. Eu tenho um pouco de medo, medo ainda de me entregar, pois o próximo instante é desconhecido (Lispector, em Água Viva.)

[1] Instante já é um termo utilizado no livro Água Viva, de Clarice Lispector.

Em 2008 fui convidada para pensar alguma atividade num espaço universitário e logo propus a exposição Luminescência[2], onde as quase cem imagens foram projetadas em esvoaçantes tecidos pendurados, numa possibilidade de movimento, interação e necessidade de pouca geração de resíduos sólidos.

Luminescência, luz e sentido e palavra foi realizada em setembro de dois mil e oito, projeto pessoal que agregava literatura, fotografia, cartas e subjetividades, e que teve início durante a leitura do romance



Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres, de Clarice Lispector. A ideia consistia em transcrever trechos do livro e transformá-los em "mariolas": papeizinhos coloridos dobrados e embalados em papel de

[2] Luminescência nomeia um dos capítulos do livro Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres. Luminescência é a emissão de luz por parte de um corpo, originada por qualquer razão que não se deva a uma variação da temperatura deste, mas sim a outras causas, como p.ex., reações químicas a temperaturas ordinárias, bombardeamento de elétrons ou exposição à radiação eletromagnética.

seda e celofane, para lembrar o doce de mesmo nome. Amigos de todo país receberam pelos Correios recomendações a fim de que cada um desdobrasse seu trecho em um momento especial e fotografasse o instante. Tudo começou como uma brincadeira curiosa, mas o projeto expandiu-se e ganhou o mundo com um blog, para ficar aberto a quem desejar conhecê-lo. Uma brincadeira com os sentidos: os sentidos do olhar, das palavras, das cores, das fotografias, os sentidos de cada um blog, para ficar aberto a quem desejar conhecê-lo. Uma brincadeira com os sentidos: os sentidos do olhar, das palavras, das cores, das fotografias, os sentidos de cada um.

A PAIXÃO SEGUNDO G.H. de CLARICE LISPECTOR

ADRIANE GARCIA

Assombro e pavor. Iluminação e transcendência. A beleza de não se querer mais a beleza. O terror e a epifania. O erotismo na sua forma mais primordial: a morte. A paixão segundo G.H. de Clarice Lispector é das obras mais geniais que se pode ler em literatura.

A busca de sua protagonista é a busca da verdade, mas nem ela sabe exatamente o que busca, já que está no espaço do desconhecido; a busca da despersonalização, a busca do ser antes do humano, o inumano (não o desumano), aquele que pode chegar mais perto de Deus porque esteve no inferno. Busca terrível, percurso que, de início, parecerá ao leitor acontecer durante uma manhã, em um quarto de empregada, mas que acontece durante milênios, por funda ancestralidade. Iluminação que parecerá ter sido desencadeada por uma barata, pelo ser asqueroso de uma barata, mas que muito antes fora desencadeado pela procura do intervalo, pelo entre o número um e o número dois, pelo intervalo entre uma nota musical e outra, pelo intervalo que é o silêncio. Na inexpressividade existe um tesouro, no tédio, na monotonia. A paixão segundo GH é feita de inversões mirabolantes que fazem todo sentido, sem querer apelar apenas para a inteligência. Na inexpressividade pode existir o amor. Que espécie de amor? O amor que se descobre depois da transgressão, depois de ultrapassada a lei.

Um livro demoníaco, divino, revelador, onde cada parágrafo é uma obra de arte. Clarice Lispector pura, a bruxa capaz de atravessar a linha que separa a “normalidade” da “loucura” e voltar para nos contar.

Absolutamente imperdível. Agradaria Bataille, agradaria Nietzsche.

O medo grande me aprofundava toda. Voltada para dentro de mim, como um cego ausculta a própria atenção, pela primeira vez eu me sentia toda incumbida por um instinto. E estremeci de extremo gozo como se enfim eu estivesse atentando à grandeza de um instinto que era ruim, total e infinitamente doce – como se enfim eu experimentasse, e em mim mesma, uma grandeza maior do que eu. Eu me embriagava pela primeira vez de um ódio tão límpido como de uma fonte, eu me embriagava com o desejo, justificado ou não, de matar.

Toda uma vida de atenção – há quinze séculos eu não lutava, há quinze séculos eu não matava, há quinze séculos eu não morria – toda uma vida de atenção acuada reunia-se agora em mim e batia como um sino mudo cujas vibrações eu não precisava ouvir, eu as reconhecia. Como se pela primeira vez enfim eu estivesse ao nível da Natureza (p. 52).

SAÍDA DISCRETA PELA PORTA DOS FUNDOS

JOÃO GOMES

Difícil falar dos morangos
assim depois de 40 anos
e nunca do mesmo jeito
de se chegar ao fatal
pensar diante dos fatos
se sobre o esvaziamento
da fila que esteve a nordestina
a existência despercebida
foi e retornou no deslumbre
do que corre como moléculas
de gás na Coca-Cola virada
no incômodo ralo de estar
conectada com sua alma
vingada no acaso ruidoso
de ser oculta de si mesma
e choca para desentupir
bueiros e assim atrapalhar
a passagem das horas iguais
se o doce voo inocente agarrado
ao ponteiro moldava na vista
um anjo que luta sozinho
por não saber se vingar
pelo tédio de ser promessa
diante do nada anterior
a qualquer frio despertar
para saber que existe e falta
o êxtase como carga atômica
de sua tristeza inexplicável
como começo de todos
os fins sem prenúncio
tentando cuspir uma estrela
tão antiga quanto as pirâmides
pra esfinge que a socorre
e se volta ao estado normal
de um ofendido sonho violado.

...

A hora da estrela é uma novela que não cabe em nenhuma definição fácil, porque do que fala sua essência é muito maior do que o Nordeste traçado a duras penas. Com a obra, Clarice Lispector encenou sua morte enquanto pessoa usando a máscara de Rodrigo S. M. (si mesmo), um homem muito sentimental e preocupado com o funcionamento do que parece ser imutável, tanto a vida íntima quanto a social.

É uma realidade tão esmagadora que só se passa batida por aquele que não se importa com o cosmos social, onde Macabéa “Nem se dava conta de que vivia numa sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável”. Porque lidar com a realidade é isso, essa crueldade tão

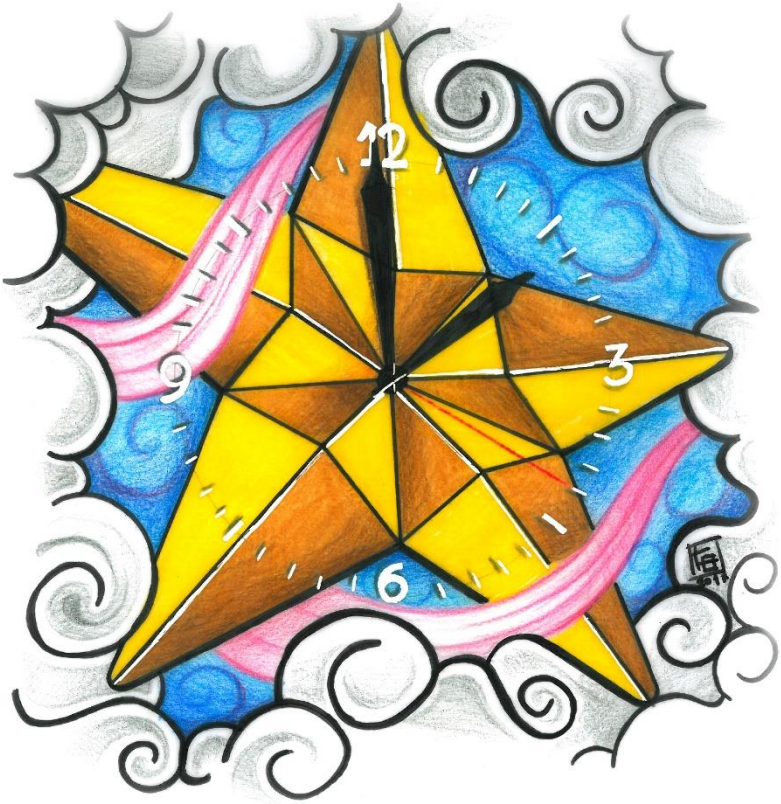
vigente. É um gran finale dentro de uma obra tão única, que é o fim pelo avesso da chegada de muitos na obra de Clarice.

É notória a demora do narrador extremamente metalinguístico e próximo da realidade, introdução muito falada pelos leitores acostumados pela linearidade da narrativa. E aí Clarice, vindo da geração que lhe coloca na literatura brasileira, traz um romance de formação sobre o Nordeste de uma forma psicológica inédita. Com o esvaziamento do ser na cidade grande, o modo como todos passamos batidos e nosso esforço pessoal de não sermos pisados e engolidos pelo anonimato.

Todas as comparações com a vida e a escrita atestam o quanto escrever era algo mais que profundo na vida da autora, e essa ira com o quadro social está dentro dessa obra de uma maneira estética e jamais panfletária, porque "Que ninguém se engane, só consigo a simplicidade através de muito trabalho". Como não preparar o terreno com uma sinceridade exposta que cala os que listam os fatos tão enxutos e simples dessa novela.

Gosto de pensar que Macabéa é a Amélie Poulain brasileira, com Marcélia Cartaxo como protagonista desse drama que retrata a indiferença de si com o todo e do todo com o si de si mesmo, algo bem clariceano com a riqueza e realização magnífica da língua portuguesa, porque "Enquanto eu tiver perguntas e não houver respostas continuarei a escrever". Escrever denunciando as ilusões que nos mantém confiantes. Não é a quebra de uma utopia, apenas um exemplo de que os que têm os pés no chão, tirando o acaso, vão mais longe. Na realidade que vivemos, talvez se Macabéa tivesse se casado com o Olímpico e não existisse Glória, ela entrasse nas estatísticas de feminicídio, isso se ao menos ela despertasse algo além de sua inocência.

E essa novela é por inteiro o verdadeiro álbum de uma realidade que, se muda algo, é para alguma vertente já traçada no que é ou não é a sua protagonista, tão desapercebida de tudo. Não é uma cobrança aos políticos, apenas uma dança que busca um par no grande salão de desigualdades sociais que é o Brasil. É só mais um destino que se materializou num fim tão trágico diante do estrelato íntimo que é viver.



OS AUTORES

Adriane Garcia

Adriane Garcia é poeta. Publicou os livros O nome do mundo (Armazém da Cultura 2015), Fábulas para adulto perder o Sono (Biblioteca do Paraná, 2014, 2 edição Confraria do Vento, 2017), Só, com peixes (Confraria do Vento 2015). Também publicou o e-book Enlouquecer é ganhar mil pássaros (ed. Vida Secreta, org. João Gomes). Participa da Coleção Leve um Livro com Embrulhado para viagem (org. Ana Elisa Ribeiro e Bruno Brum, 2016).

Adriano Portela

Adriano Portela. Jornalista. Escritor. Diretor de cinema na Portela Produções. Está em produção com o longa “Recife Assombrado”. É roteirista e diretor de oito curtas, vários deles premiamos em festivais de cinema, com destaque para Prenúncio, único curta do nordeste selecionado para mostra de cinema Fantástico (CineFantasy) de SP, e Reverso, primeiro lugar no festival Agora Curta, da Rede Globo Nordeste. Portela também é autor do romance "A última volta do ponteiro", prêmio internacional José de Alencar, pela UBE/RJ e participa das coletâneas “Enquanto à noite durar”, “Escrita Criativa” e “Recife de Amores e Sombras”. Leciona cinema e publicidade em universidades particulares e em projetos sociais. Editor do portal de Cultura www.parlatorio.com Também é mestre em Teoria da Literatura pela UFPE, onde defendeu a obra de Osman Lins adaptada para a TV.

Anna K Lima

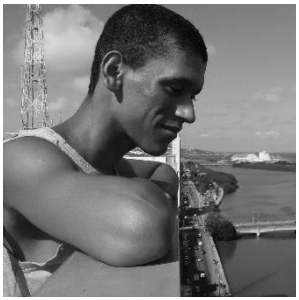
Nasceu em Fortaleza, mas se espalha pelo mundo. Desde 2005 vem dizendo ao mundo que é escritora: participou do Prêmio Ideal Clube de Literatura, Laboratório: Dois Pontos, Antologia Massanova e Metropolis. Autora de Claviculário. Publica em blogs seus textos e ideias. Integrou a Oficina Literária da FLIP de 2007. Ousa inventar delicadezas com a obra de Clarice Lispector. Escritora de cartas. Produtora cultural. Apaixonada pelo Cariri. Mediadora de oficinas literárias. Zineira. Possui um bom coração e muita coragem, uma atrevida. Autora de Claviculário, já em sua segunda edição. Idealizadora do Aliás Selo Editorial para publicação de mulheres.

Anderson Paes Barretto

Escritor, pesquisador, palestrante e professor universitário. Jornalista e Radialista de formação, é Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Em sua dissertação de Mestrado, teve como objeto de estudo o livro A Hora da Estrela (1977), de Clarice Lispector, e sua adaptação para o cinema. Em 2010, recebeu o prêmio nacional Maximiano Campos de Literatura, com publicação em coletânea no mesmo ano. Sobre Clarice, escreveu o artigo “A Hora Da Estrela Virtual” (Revista Brasileira de História da Mídia, 2015), e o texto “Clarice Lispector e a Morte” (Literatura Fantástica, 2015), além de trabalhos apresentados e publicados em anais de congressos e eventos diversos. É membro fundador da Academia de Letras de Jaboatão dos Guararapes (ALJG-PE).

Isabel Costa

Jornalista bacharel em Comunicação Social pela Fanor (Faculdades Nordeste - Devry Brasil), tem especialização em Gestão e Marketing pela mesma instituição. É repórter do caderno Vida & Arte do Jornal O POVO, em Fortaleza, Ceará. No mesmo periódico, atuou como repórter no Núcleo de Cotidiano e na Editoria de Opinião, entre 2011 e 2015. Como jornalista recebeu o Prêmio Gandhi de Comunicação em 2016 e em 2017, o Prêmio Banco do Nordeste de Jornalismo em Desenvolvimento Regional 2016, o Prêmio SINDHrio de Jornalismo e Saúde 2015 e o Prêmio de Jornalismo Medtronic 2015. Tem especialização em Literatura e Semiótica pela Universidade Estadual do Ceará (Uece) e é graduada em Letras-Português pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Atualmente, assina o Blog Leituras da Bel no Portal O POVO online, que trata de literatura e temas convergentes.



João Gomes

João Gomes (Recife, 1996) é poeta e editor da revista Vida Secreta (em dezembro de 2015, a terceira edição teve como pauta os 95 anos de Clarice Lispector). Participou de inúmeras antologias e é inédito em livro solo, mas vem se preparando para o grande momento desde o seu primeiro verso.

Maria Fernanda Pampín

Doctora y Licenciada en Letras por la Universidad de Buenos Aires, donde se desempeña como investigadora postdoctoral del Instituto de Literatura Hispanoamericana gracias a una beca de CONICET. Publicó la antología de José Martí *Poemas selectos* (Corregidor, 2009), el volumen de ensayos *Martí: Modernidad y latinoamericanismo* de Ángel Rama (Biblioteca Ayacucho, 2015) y compiló el libro *Literaturas caribeñas: Debates, reescrituras y tradiciones*, junto a Guadalupe Silva (Filo-Universidad de Buenos Aires (2015). Publicó artículos sobre literatura latinoamericana en revistas especializadas y volúmenes colectivos. Como editora, dirige las colecciones Archipiélago Caribe y Letras al Sur del Río Bravo y codirige la colección Nueva Crítica Hispanoamericana en Ediciones Corregidor.

Raimundo de Moraes

Escritor, jornalista e publicitário. Livros publicados: Jesus Cristo, mon amour (poesia; Edição do Autor/ Funcultura-PE); Escrever ficção não é bicho-papão (com o grupo Autoajuda Literária; Companhia Editora de Pernambuco); Coesia (com os heterônimos Alma Henning e Aymmar Rodriguéz; Edição do Autor); Ficcionais (coletânea do Suplemento Pernambuco. Org. Schneider Carpeggiani, Companhia Editora de Pernambuco); Tríade (poesia; Gráfica e Editora Facform); Cronistas Pernambucanos (Carpe Diem); O Recife conta o São João (contos; Org. Sec. Cultura/Prefeitura do Recife); Nus (poesia; org. Paulo Azevedo Chaves, Editora Comunicarte).

Taciana Oliveira

Taciana Oliveira é formada em Comunicação Social: Rádio e TV, com pós-graduação em Artes: Cinema e Linguagem Audiovisual, sócia-gerente da Zest Artes e Comunicação. Atua como produtora audiovisual, diretora de videoclipes e de filmes de curta e longa-metragem. Dirigiu “A Descoberta do Mundo”, um documentário sobre Clarice Lispector. Atualmente produz e dirige o projeto de videopoemas “Teus olhos rímel com poesia”.

Apoio:

ESM | FAMA
ESCOLA SUPERIOR DE MARKETING

ISBN 978-85-8394-069-2

“Enquanto eu tiver perguntas e não houver respostas continuarei a escrever”

Clarice Lispector, A Hora da Estrela, 1977.